

NOTA

Oi!

Se você chegou aqui, é porque leu UAI!

Espero que tenha gostado e, se puder, avalie o livro! É muito importante para me ajudar a crescer!

Bom, essa cena extra é uma tradição no MariaVerso e é um mimo que eu dou para vocês! Nesse caso, é uma confissão do Lucas e um pouco do que vem por aí.

Se você chegou no final do livro, deve ter percebido que é mais um esquema de pirâmide do MariaVerso, né?

Pois é...

Espero que goste,

Maria

CÍCA

Olhei preocupada para a minha irmã enquanto ela vomitava sem parar o lanche que eu trouxe para ela.

Ela estava abatida, com algumas olheiras e eu estava ficando preocupada.

— Vivian...

— Estou bem. Tô ótima. Oh, 10/10 na saúde.

Ela tentou se levantar, mas ao fazer se dobrou de novo e vomitou mais dentro do pobre lixinho da sala de reuniões.

Fiz uma careta, trocando um olhar preocupado com Miguel.

Já tinha passado dois meses da nossa briga e nossa relação estava se acertando, apesar de ela ainda ficar meio fechada e cautelosa, principalmente com o papai.

Ele não tinha jeito com as palavras e ela também não. Muito mais parecidos do que imaginavam.

Vivian poderia se sentir uma estranha no ninho agora, mas ela era muito parecida com seu José Miguel Jordão. Os dois eram bem cabeça dura, para começar...

— E a dra...

— Não. É só uma virose, aposto que foi o lanche da dona Paula.

— Ei, cê não vem botar esse seu nariz empinado do meu lanche, não, viu? — Miguel resmungou, defendendo o seu lugar favorito de jantar.

Dei risada, baixinho, quando Vivian o fuzilou com o olhar, se sentando novamente na cadeira. Ela deitou a cabeça no encosto e respirou fundo algumas vezes.

Troquei mais um olhar com meu irmão.

Ele se levantou, se ajoelhando ao lado dela e correndo os dedos pela sua testa com carinho.

— Vem, irmãzinha, vou te levar pra casa.

— Ai, não quero pegar estrada pra Nova Felicidade agora...

— Nossa casa, Vivian, nossa casa de verdade. E cê para com essa história de Nova Felicidade, não aguento mais. Agora que já confessou tudo, o porquê nos abandonou, já deu, né?

Um traço de dor passou pelo rosto lindo da minha irmã e me aproximei também, afofando seus cabelos do outro lado.

— Vem, deixa a gente cuidar de você.

Ela nos encarou, seus olhos se enchendo de lágrimas e me partiu o coração ver Vivian assim.

A verdade é que eu já tinha perdoado ela.

Doía demais pensar nos oito anos que perdi com Lucas, que poderia ter passado com ele. Mas também perdi nove anos com ela. Ela deliberadamente escolheu viver longe da nossa família, de nós, só para guardar um segredo que poderia me abalar, que poderia abalar o papai. Ela achou que estava nos protegendo.

No fim, Vivian se machucou e nos machucou também.

E eu cheguei a conclusão de que só existia uma culpada nessa história e não era a minha irmã.

— Vem, vou fazer o caldo da vó pra você. Cê vai melhorar rapidinho.

Ela suspirou, concordando com a cabeça. Meu irmão se adiantou e pegou Vivian no colo e os segui até a caminhonete dele, levando as coisas dela.

Assim que chegamos em casa, rapidinho entrei e preparei a sopa reforçada com ajuda da vovó, enquanto Miguel deitava no sofá com Vivian em seus braços. Quando cheguei com uma bandeja na mão, os dois estava abraçados embaixo de uma manta, assistindo a um filme de ação cheio de explosões na TV que o meu irmão insistiu em comprar. Gigante, desnecessária, barulhenta.

Mesmo assim, sorri para a cena e fui me sentar do outro lado da Vivian, colocando a bandeja no seu colo. Vovó se juntou a nós, em sua poltrona, com um livro na mão, lançando olhares preocupados e com um mistério para minha irmã enquanto ela devorava a sopa. Eu até fui buscar mais, apesar de não achar prudente ela comer tanto depois de passar mal. Mas ela parecia renovada, como se nada tivesse acontecido.

Papai chegou em casa pouco depois e abriu um sorriso incrível quando nos viu ali.

— Uai, o que tá acontecendo aqui?

— Dia de folga — respondi, para não preocupá-lo.

— E eu?

— Cê vem também, ué.

Ele veio até nós e beijou a minha cabeça e depois a da minha irmã, se demorando um momento a mais na dela. Em seguida fez o mesmo em Miguel e vovó, pedindo benção para ela, antes de ir se sentar no outro sofá, se esticando tranquilamente. Até Pingada e Dinho apareceram depois e eu não consegui controlar o sorriso radiante e o jeito que meu coração batia animado no peito.

Era assim que eu queria ficar sempre, não precisava mais ter segredos entre nós, certo?

— Bom dia, seu Manoel — anunciei, baixinho, e com vergonha, quando dei de cara com ele na porta.

— Oi, Ciça. — Ele balançou a cabeça, como se entendesse que eu estava aqui para desvirtuar o filho dele.

Lucas me falou que ele saíria cedo, então provavelmente se atrasou e eu dei de cara com ele. Seu Manoel viajaria com tio Lilo para ver um lote de cabeças de gado e tia Dita foi com Laurinha visitar um tio dela que estava doente. O véio era horrível, mas exigiu a presença dos parentes, então elas foram.

— Juro, ceis dois estão doidos para me darem um neto.

Eu tenho certeza que parei de respirar e meu rosto ficou roxo.

— Ai, seu Manoel! — falei, sem jeito e ele deu uma risada.

— Só se casem primeiro, ou seu pai vai encher minhas paciências.

— Lucas nem me pediu em noivado.

— Hum. Moleque sem educação — resmungou, balançando a cabeça. — Entra, *fia*, fica a vontade. O preguiçoso tá dormindo ainda, perdeu a hora.

— Sei bem que o senhor deixou.

Ele me deu um sorriso depois de sair, quando eu entrei, trocando de lugar com ele.

— Ele tá é trabalhando demais com essa construção aí do nosso centro de reprodução. Dá gosto de ver. Merece descansar um pouco. Fala pra ele que eu fui lá com o Lilo e volto amanhã. Juizo, ceis dois.

Ele fechou a porta e eu fui para o quarto do Lucas morrendo de vergonha, mas quase sem me importar muito. Vivian ia mentir para o papai, dizendo que eu ficaria com ela hoje. É claro que eu ia trabalhar, mas depois voltaria pra cá. Minha irmã me deixaria aqui quando fosse voltar para Nova Felicidade.

Ela estava dividindo seu tempo entre nossa casa e sua casa lá e topou mentir por mim, mesmo com a nossa nova política de sem mentiras, só para me agradar. E meio que reparar algo, como se não tivesse apoiado minha relação com Lucas antes.

Entrei em seu quarto, abrindo um sorriso quando observei ele na cama, todo largado. Seu corpo comprido estava esticado, o peito musculoso subindo e descendo. O braço forte e grosso estava jogado por cima do rosto, que estava meio enfiado embaixo do travesseiro.

Eu me aproximei, tirando as botas primeiro, subindo na sua cama com cuidado, escutando o suspiro dele quando corri a mão pelo seu abdômen definido, cada depressão dos músculos trincados me deixando bem feliz. Me abaixando, comecei a deixar beijos delicados no seu pescoço.

— Acorda, amor... — murmurei, baixinho, para não assustá-lo.

Ele gemeu, seus braços automaticamente me apertando em um abraço forte, me colando contra o seu peito. Dei uma risadinha, me aconchegando ali enquanto ele afundava o rosto nos meus cabelos, suspirando. Continuei dando beijinhos leves no seu pescoço, mandíbula, perto da sua orelha.

— Bom dia — sussurrou, a voz rouca.

— Bom dia, dorminhoco.

Ele me deu um beijo no topo da cabeça, mas seu peito voltou a subir e descer tranquilamente, os braços afrouxando um pouco.

— Desculpe, pequena, perdi a hora, estou tão cansado.

— Vou deixar você descansar, mas hoje a noite...

— Já acordei.

Dei uma risadinha, me erguendo para observá-lo.

Ele abriu os olhos, esfregando-os com uma mão enquanto eu me sentava no seu colo, as pernas ao redor do seu quadril e as mãos apoiando no seu abdômen.

— Agora, sim, acordei — brincou, dando um sorriso cafajeste, colocando as mãos na minha cintura.

— É? — Eu me abaixei, correndo a boca pelos seus lábios, mordiscando. — Pena, eu poderia dar um incentivo.

— Nossa, tô muito cansado, ô.

Minha risada ecoou com a sua e, como sempre, ele parou para me encarar, erguendo uma mão para acariciar meu rosto.

— Cê é ainda mais linda pela manhã.

— Sou?

— Vai ser incrível acordar e olhar para você todos os dias. Nem vou me aguentar.

— Nossa, você flerta muito pela manhã — falei, brincalhona e resolvi jogar um verde só para investigar. — Sempre acordou assim com as meninas ou sou especial?

— Você é especial, Ciça, já que é a única.

— Oi?

Acho que parei até de respirar e devo ter ficado com uma cara chocada.

— Você é a única, sempre foi. Nunca fiquei com ninguém.

— Mas em Uberaba...

— Como que eu ia ficar com alguém, se eu só pensava em você?

Não teve jeito, me joguei de novo em cima dele, o beijando com uma avidez quase desesperada.

Lucas recebeu meu beijo com entusiasmo, sua mão se enfiando nos meus cabelos, me segurando contra o seu corpo com vontade. Minha língua foi para a sua buscando um contato como se quisesse demonstrar todo o meu desespero, minha animação com essa informação.

— Você também — murmurei, entre beijos, descendo-os pelo seu rosto, queixo, pescoço.

— Eu também o quê? — Ele já estava com a respiração acelerada, o peito subindo e descendo enquanto eu beijava seu peitoral, mordiscando a pele, os mamilos, indo pelo abdômen.

Parei entre suas pernas, abaixando a cueca que ele usava e liberando o seu pau, já quase duro totalmente.

— Você também é o único da minha vida.

Lucas cresceu na minha mão, se apoiando nos cotovelos para observar bem enquanto eu colocava a ponta na boca, chupando lentamente, sem tirar os olhos do seu rosto, que brilhava com uma possessividade maravilhosa.

— Só minha?

— É, e você é só meu.

Lambi a glande, sugando com mais força, movimentando a mão na base enquanto apertava a sua extensão com firmeza. Ele gemeu, empurrando o quadril

para cima e eu relaxei a garganta conforme o recebia mais fundo, até o máximo. Chupei com vontade, a cabeça subindo e descendo, a língua trabalhando ao redor do seu comprimento, da sua grossura, erguendo os olhos para ele.

Lucas me encarava com veneração, como se não conseguisse acreditar e como se aqui fosse o único lugar que ele queria estar.

Senti ele inchar mais na minha boca, quando apertei com mais força e aumentei a velocidade das chupadas.

— Porra, Cecília.

Ele me segurou pelo braço e me puxou com força, me jogando na sua cama. Caí ali, de costas no colchão, com uma risada incrédula que virou um gemido quando ele começou a beijar a minha barriga, erguendo minha blusa.

Lucas me livrou das minhas roupas com uma rapidez incrível, entre beijos, mordidas firmes, chupões que só provaram mais uma vez que eu era dele.

Suas mãos fortes afundadas nas minhas coxas enquanto ele se acomodava entre as minhas pernas, retribuindo o boquete que dei, com a sua língua quente subindo e descendo pela minha boceta. Seus olhos escuros colados em mim, observando minhas mãos brincarem com os meus seios, girando os mamilos, apertando-os. Quando eu rebolava na sua cara, ele aumentava a velocidade da sua língua, me fazendo gemer alto o seu nome.

— Lucas! — gritei, empurrando a cabeça contra o colchão, arqueando as costas, jogando a boceta contra a sua cara, enquanto ele mordiscava e sugava o meu clitóris com vontade.

Eu gozei em uma explosão de prazer que me fez perder os sentidos. Seus toques me trouxeram de volta a vida e ele se enfiou entre minhas pernas, arremetendo em mim com seu pau grosso de uma vez, sem qualquer espera, me fazendo gritar novamente.

Ele me manteve assim, arqueada, o quadril erguido; as pernas levantadas ele colocou contra seu corpo, seu peito, as panturrilhas descansando próximas aos seus ombros enquanto ele arremetia com vontade. Minha bunda batia contra a sua virilha a cada movimento forte do seu quadril, cada vez que ele metia e, essa posição, fazia ele ir mais fundo do que jamais foi.

Empurrei mais a cabeça contra o colchão, meu quadril suspenso por suas mãos grandes, minhas mãos livres para continuarem agarrando meus seios e me dando

mais prazer ali. Mas eu queria mais, eu precisava de mais. Desci uma mão entre minhas pernas, encontrando o meu clitóris e massagerando com rapidez.

Lucas entrava e saía com um ritmo alucinado, o barulho do nosso sexo ecoando pelo seu quarto de uma maneira deliciosamente erótica. Seu pau me alargava mais quando entrava e eu o apertava, pela posição, pelas contrações de prazer. Ele gemia, o corpo malhado suando, os olhos escuros vorazes em meus seios balançando.

— Que delicia sentir a boceta da minha putinha me apertando. Fala de novo, Ciça, que eu sou o único que comeu essa boceta gostosa.

— Você é o único, Lucas. Não para, por favor.

Meus dedos esfregavam meu clitóris sem ritmo nenhum, só buscando alívio e o pau dele não dava trégua, entrando com firmeza, saindo até a ponta e se enfiando com força para arrastar os pés da cama no chão de madeira.

— Você é minha, pequena. Minha puta, minha mulher.

— Eu sou. E você é meu.

— Então goza no pau do seu homem e deixa ele gozar gostoso dentro de você.

Minha boceta pulsou, com meu corpo todo tremendo quando eu obedeci, um orgasmo alucinante que fez os meus olhos se reviraram. Lucas seguiu o ritmo, mesmo quando eu o apertei mais, desesperada e sem controle. Ele gozou também, com um urro descontrolado, o quadril se movendo com pressa, entrando e saindo com força de mim, as estocadas poderosas me fazendo soltar gemidos guturais.

Quando terminamos, meu corpo tremendo, dolorido, ele me soltou com cuidado, saindo de dentro de mim, mas se deitando por cima. Sua boca encontrou a minha no mesmo segundo, em um beijo mais delicado, apaixonado.

— Eu te amo, muito. Muito, Ciça.

— Eu também te amo, Lucas.

— E vai ser assim a nossa vida. Nossas manhãs, nossas noites.

— Você me fodendo até eu desmaiá?

— Também, mas cheias de amor. Juntos. Para sempre.

E era tudo que eu queria.